



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

JORNALISMO

PARAFINA:

UM PORTAL DE NOTÍCIAS DE SURFE FEMININO

FERNANDA FLORENTINO BAHIA

RIO DE JANEIRO

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**PARAFINA:
UM PORTAL DE NOTÍCIAS DE SURFE FEMININO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

FERNANDA FLORENTINO BAHIA

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior

Rio de Janeiro

2019

BAHIA, Fernanda Florentino.

Parafina: um portal de notícias de surfe feminino. Rio de Janeiro, 2019.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo),
Escola de Comunicação – ECO –, Universidade Federal do Rio de Janeiro
– UFRJ.

Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Junior

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Parafina: um portal de notícias de surfe feminino**, elaborada por Fernanda Florentino Bahia.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior
Doutor em Ciência da Informação pelo IBICT/ECO-UFRJ (2013)
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Rafael Fortes Soares
Pós Doutor em História do Esporte pela Universidade da Califórnia
Departamento de Ciências Sociais - UNIRIO

Profa. Dra. Patricia Cecilia Burrowes
Doutora em Teorias da Comunicação pela ECO-UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Rio de Janeiro

2019

Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as mulheres
que me acompanham no surfe e na vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, aos meus pais, Cleide e Fernando. Que mesmo quando eu pensei em desistir, nunca desistiram de mim. Que me apoiaram em cada escolha que eu fiz, desde o instante que eu decidi que seria jornalista. Aos meus irmãos, Marcelo e Gustavo, que se mostraram confiantes em mim, e estão e estarão sempre comigo. E a toda a minha família, por acreditarem em mim e no meu sonho.

Ao Natan, que esteve do meu lado durante todo o processo. Que aguentou firme e continuou do meu lado o tempo todo. Que me ajudou de todas as maneiras possíveis para que eu chegasse onde estou.

Aos meus amigos, que me viram chegar até aqui e se mostraram orgulhosos a cada passo dado na caminhada da graduação.

A algumas amigas em especial:

Hanna, Alexia, Olivia, Rafaela, Camila, Bruna, Renata, Livia, Emma e Paula. Minhas amigas antes da graduação, que me inspiraram sempre.

À Carol e ao Thales, amigos da graduação que me apoiaram durante a graduação, e mais ainda durante o TCC.

À Bárbara, por sempre me apoiar e acreditar em mim e no meu jornalismo, da mesma maneira que acredito nela.

À Raiane, que desde antes do TCC, apoiou o Parafina e se prontificou a mergulhar nessa comigo.

E aos outros amigos que a ECO trouxe para a minha vida e que me acolheram de forma que nunca imaginei.

Aos meus professores da escola e da faculdade. Vocês participaram da minha transformação como profissional e como ser humano. Levo todos no coração.

Ao meu orientador, Fernando Ewerton, que muito antes desse projeto se tornou meu TCC, já me apoiava para que ele se tornasse uma realidade.

À Sam Manhães, fotógrafa incrível das mulheres surfistas, que me doou as fotos para o meu site. Torço para que você realize seu desejo de se tornar uma jornalista, tão talentosa quanto é na fotografia.

E por fim, ao surfe. E a todas as mulheres que participaram da minha caminhada nesse esporte. Uma em especial: Rayza Silveira. A minha primeira professora de surfe e quem me inspirou desde o início. Esse trabalho é para abrir espaço para mulheres como você.

“Não dá para comprar felicidade
mas dá para surfar
que é quase a mesma coisa”

Autor desconhecido

BAHIA, Fernanda Florentino. **Parafina: um portal de notícias de surfe feminino.**
Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Junior. Monografia (Graduação em
Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

RESUMO

Este trabalho apresenta o processo de criação de um site de notícias de surfe feminino, o Portal Parafina, e a importância da existência desse projeto no cenário do esporte feminino. Foi realizada uma contextualização do surfe no Brasil e da mulher no esporte, como embasamento teórico. Além disso, uma análise de três sites de notícia especializados no surfe possibilitou a compreensão do que era importante estar presente nas editorias e nas matérias do Parafina. Por fim, todo o processo de concepção do visual do site, sua montagem e as expectativas e estratégias para quando o site for colocado no ar também são apresentados durante o trabalho. A intenção do projeto é trazer as mulheres surfistas para o foco da mídia.

Palavras-chave: site de notícias; surfe feminino; jornalismo esportivo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. EXPANSÃO DO SURFE NO BRASIL
 - 2.1. Primórdios do surfe no país
 - 2.2. Consolidação do surfe pela mídia
3. PRESENÇA DA MULHER NO ESPORTE E NA MÍDIA
 - 3.1. A participação da mulher no esporte
 - 3.2. Mulheres na mídia esportiva
 - 3.3. Jornalismo de nicho: mulher no jornalismo de surfe
4. SURFE FEMININO NOS VEÍCULOS DE NOTÍCIA ONLINE
 - 4.1. Rico *Surf*
 - 4.2. Tudo Pelo *Surf*
 - 4.3. *Surf* Guru
5. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO
 - 5.1. Concepção da identidade visual
 - 5.2. Montagem e estruturação do portal
 - 5.3. Versão mobile
 - 5.4. Manutenção do site
6. CONCLUSÃO
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa apresenta o processo de criação do site Portal Parafina, um produto online de notícias de surfe feminino. O projeto, que tem como objetivo veicular notícias sobre o cenário do surfe feminino nacional e internacional, foi concebido por conta de um interesse pessoal pelo esporte. A partir da observação de um problema no noticiário envolvendo o surfe, a ideia do site veio como uma solução. A idealização do Portal Parafina aconteceu na disciplina de Jornalismo Gráfico, como o trabalho final, e foi inicialmente desenvolvida em grupo. A intenção já era colocá-lo em prática, e transformá-lo no meu trabalho de conclusão de curso foi uma forma de estruturar a ideia.

As questões levantadas para essa pesquisa partem de como a mulher é representada nos veículos de notícia especializados em surfe, no Brasil, com o objetivo de criar uma plataforma de notícias online, que seja voltada para as mulheres. A pesquisa se justifica pois o Brasil tem se tornado uma potência cada vez maior no cenário mundial. Os títulos dos surfistas brasileiros trouxeram o esporte de volta aos holofotes nos últimos anos. O surfe vem conquistando novos fãs no Brasil e os surfistas masculinos têm cada vez mais apoio das marcas e dos espectadores. Mas ainda assim, as mulheres não conquistaram o mesmo patamar. O apoio às mulheres é muito menor e a falta de cobertura midiática pode ser um fator para isso.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica para contextualização e compreensão do esporte em questão, seu aparecimento no Brasil e sua presença na mídia, com base em artigos de Rafael Fortes (2009 e 2012) e Cleber Dias (2009). Além disso, para a contextualização da mulher no esporte em geral, e no surfe em particular, são utilizados, principalmente, os textos de Susana Vilorde Goellner (2009) e Jorge Dorfman Knijnik (2004 e 2007). A questão do jornalismo de nicho também será utilizada para justificar a produção do Portal Parafina. Com base na teoria da Cauda Longa de Chris Anderson (2006), a criação de um site focado no super nicho do surfe feminino será explicada, a partir da possibilidade do mercado da mídia se encaixar na Cauda Longa.

O trabalho realiza uma análise dos veículos de mídia especializados, para compreender como se dá a presença das mulheres no noticiário de surfe e como isso afeta a presença delas no esporte. A análise dos portais de notícias especializados faz um breve estudo de caso coletivo – análise de três veículos especializados em surfe do país: “Rico *Surf*”, “Tudo pelo *Surf*” e “*Surf* Guru”. São analisadas as editoriais do site, quantidade de notícias sobre

mulheres, imagens e linguagem utilizadas nas reportagens. Além disso, o projeto do site de notícias também faz parte da metodologia, junto com um relatório de produção desse site.

O relatório de produção traz as questões principais do processo de criação, montagem e manutenção deste site. A partir da sua concepção inicial na disciplina de Jornalismo Gráfico, são explicadas todas as alterações que o projeto sofreu quando foi colocado em prática na montagem com a ferramenta Wix. São registrados os detalhes de layout e design do Portal Parafina, as escolhas de editorias, redes sociais, linguagem, logo, cores e fontes. Assim, será possível entender no que consiste a criação de um site de notícias, desde o início. A parte final do relatório de produção apresenta os objetivos futuros para o Portal, junto com um cronograma para sua publicação no início de 2020. A criação desses objetivos tem importância no sentido de criar um compromisso para que o site seja mantido e em constante evolução.

Apesar da minha proximidade com o objeto deste trabalho, uso do texto em terceira pessoa foi adotado durante os capítulos do relatório. Ainda assim, esse projeto foi extremamente pessoal, desde as minhas motivações para criá-lo, até a maneira que a minha vivência nesse esporte afetou cada editoria e escolha para o site.

2. EXPANSÃO DO SURFE NO BRASIL

No campo da comunicação, um projeto prático que pretende lançar um novo portal de notícias online, com o foco nas mulheres do surfe brasileiro se torna pertinente na medida em que traz para o jornalismo um novo ponto de vista sobre o esporte brasileiro. Com isso, é necessária a contextualização do surfe no país, com base na história e na evolução desse esporte, bem como sua consolidação.

Dessa forma, neste capítulo é feita uma breve apresentação do início do surfe no país, até o momento atual. Para além disso, o capítulo também fala da presença da mulher no esporte, de um modo geral, e como isso se deu no surfe, em específico. Assim, será contextualizado o cenário desse esporte no país e na mídia, como é hoje em dia, para que, no capítulo seguinte, seja levantada a questão da presença feminina nos veículos online especializados.

2.1. Primórdios do surfe no país

A primeira aparição do surfe no Brasil acontece em 1930, quando “três jovens paulistas confeccionam, em Santos, uma prancha de madeira baseada nos moldes fornecidos por uma revista estrangeira” (DIAS, 2009, p. 375). No entanto, esse primeiro momento não evolui para nada além disso. Em 1950, o esporte tenta, mais uma vez, se consolidar no país, agora no Rio de Janeiro. Na praia de Ipanema, com pranchas de madeira e compensado naval, conhecidas como “madeirite”, jovens cariocas tentam deslizar sobre o mar, usando a energia das ondas. Dessa vez, o esporte conquista alguma popularidade.

Já nesse momento inicial, as mulheres se faziam presente entre os jovens cariocas que aderiram ao esporte. “Fernanda Guerra, Maria Helena Beltrão e Heliana Oliveira foram pioneiras no surfe feminino e foram competidoras do primeiro evento oficial de surfe no Brasil, na praia do Arpoador/RJ, em 1965” (CRUZ, 2011, p. 1). Namoradas e amigas dos homens que praticavam o surfe, elas tinham o apoio deles e pegavam os seus equipamentos emprestados.

A evolução do equipamento, das manobras e do conhecimento sobre o esporte, que naquela época ainda não tinha o nome de surfe, se deu por revistas estrangeiras que traziam as notícias sobre a prática. Nesse sentido, a presença de pessoas de classe média, que tinham a possibilidade de viajar para o exterior e ter acesso a essas revistas, consolida, também, esse tipo de lazer na cidade do Rio (CRUZ, 2011, p. 5). A revista americana “*Surfer*”, por

exemplo, já era vendida em bancas de jornais desde o início da década de 60 (FORTES, 2009, p. 431).

Além disso, o conhecimento prévio sobre outros assuntos também ajudou no aprimoramento, como no caso de Moacyr, um marceneiro que, ainda no momento de produção de pranchas em madeira, foi capaz de melhorar sua hidrodinâmica (DIAS, 2009, p. 376).

2.2. Consolidação do surfe pela mídia

Um dos fatores para o esporte ganhar popularidade naquele momento foi a localidade em que ele teve início. Na década de 60, em meio à ditadura militar, a praia de Ipanema se tornou um ponto de encontro para os jovens e artistas daquela época.

Dentro disso, músicos, cineastas e jornalistas, quase sempre moradores do bairro, ganhavam destaque na cena nacional. Na esteira desse sucesso, projetavam-se seus costumes, isso é, os costumes de Ipanema. Alguns personagens da praia e praticantes de surfe se integravam plenamente a este movimento mais amplo. Arduíno Colassanti talvez seja o melhor exemplo (DIAS, 2009, p. 377).

A popularidade do esporte, que depois se expande para âmbito nacional, também tem a ver com a mídia. Nesse sentido, tanto o jornalismo quanto o cinema e até mesmo a música tiveram seus papéis.

Tais justaposições desempenhariam grande influência no processo de difusão desse esporte, pois a possibilidade de ter surfistas transitando nessas esferas foi decisiva para dar-lhe visibilidade, vinculando-o a toda essa ambiência cultural (DIAS, 2009, p. 377)

Na televisão, a presença do surfe se deu em inúmeras das novelas que foram ao ar, já no fim da década de 70. “Pulo do Gato”, de 1978, “Partido Alto”, de 1984, o seriado “Armação Ilimitada”, de 1980, são alguns dos exemplos em que atores viviam a rotina de surfistas. Todas da TV Globo, foram responsáveis por levar para o maior meio de comunicação do país, o esporte que naquela época já estava mais consolidado nas praias do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em 1983, estreia o primeiro programa de esportes radicais da televisão brasileira, “Realce”, na TV Record do RJ.

[Nesse momento] a presença na TV gerava interesse e atraía novos adeptos. Além disso, as revistas especializadas destacavam como algo extremamente positivo a aparição na televisão e a realização de reportagens sobre campeonatos em telejornais locais (FORTES, 2009, p. 241).

Alguns filmes também foram responsáveis por trazer e consolidar o esporte no país. Inicialmente, “Mar Raivoso” (1964) e “Alegria de Verão” (1966), filmes americanos que foram exibidos em cinemas e cineclubes no Brasil, chamam atenção para o esporte e os equipamentos utilizados pelos praticantes. Posteriormente, produções brasileiras como “Nas ondas do *surf*” (1978), “Nos embalos de Ipanema” (1979), “Menino do Rio” (1982) e “Garota dourada” (1984) conquistaram grande público nas salas de cinema.

A música, por sua vez, estava diretamente ligada a uma ideia de estilo de vida do surfe, principalmente o rock and roll. A rádio Fluminense FM, por exemplo, é elogiada por atletas, músicos e pela mídia que realizava cobertura de esportes radicais (FORTES, 2009, p. 421). A estação de rádio, que estava localizada na cidade de Niterói, foi responsável por apoiar e promover campeonatos de surfe, além de ter uma parceria com o programa “Realce”, da Record. Durante sua programação, fazia cobertura de competições, além de dar a previsão das ondas e ter programas específicos do esporte (FORTES, 2012, p. 175).

Já a mídia especializada parece ter um papel ainda mais importante para realmente consolidar o surfe como um esporte popular. Além do já citado programa de televisão, “Realce”, algumas revistas foram veiculadas na década de 70, tendo surfe como pauta principal. Nesse momento, a ideia do jornalismo especializado, quando dizia respeito ao esporte, ainda tinha um pensamento de que “a atividade de compreensão do esporte só pode ser feita, primordialmente, pelos especialistas, na medida em que a tarefa de construção é tão científica que só eles podem ter este entendimento”. (BORELLI, 2002, p. 4)

No entanto, em meados da década de 80, revistas voltadas para esportes radicais foram criadas e eram encabeçadas por fãs dessas modalidades, como é o caso da revista “Fluir” (FORTES, 2009, p. 431). Por isso, inicialmente essas revistas fugiam das características esperadas de veículos jornalísticos. Nos primeiros anos da revista, o material veiculado era basicamente composto por fotografias, matérias sobre viagens e a cobertura de alguns campeonatos. (FORTES, 2012, p. 177)

A revista “Fluir” tornou-se notória, também, por seu editorial bem definido. Quase militantes da causa, a revista colocava-se a favor da construção de um processo de organização e profissionalização do surfe no Brasil. Rafael Fortes (2012) defende, inclusive, que a revista teve papel relevante nesse processo. O papel das pessoas envolvidas na revista, segundo ele, se deu não só pela produção da publicação, mas também ativamente, na organização e divulgação de campeonatos, patrocínios de atletas e no envolvimento do retorno do circuito mundial de surfe para o país.

Dessa maneira, é possível compreender como as mídias de nicho, e a revista “Fluir” especificamente, são agentes importantes na consolidação, evolução e profissionalização do surfe no Brasil. Ainda nesse contexto, a propaganda, junto com o crescimento de empresas voltadas para o esporte e as revistas especializadas, consegue alcançar um público que não é, necessariamente, adepto à prática do esporte. Assim, é na revista Fluir e em outras revistas especializadas que essas empresas conseguem o espaço para falar com o público jovem que, naquele momento, assume seu papel de consumidor. Por isso, a relação mídia-surfe, como era de se esperar, reforçou as ideias de lucro e exploração comercial dos esportes radicais, via mercado de entretenimento (FORTES, 2009, p. 434).

3. PRESENÇA DA MULHER NO ESPORTE E NA MÍDIA

Para além do processo de consolidação e profissionalização do surfe, neste trabalho o esporte feminino e sua cobertura midiática são, também, contextualizações necessárias para a compreensão da necessidade do desenvolvimento deste projeto prático. Um site totalmente voltado para o esporte feminino se coloca como um ator na alteração do discurso e da narrativa que envolvem as mulheres e a forma como, nos veículos especializados ou não, essas mulheres são retratadas.

Além disso, utilizar a mulher no surfe como objeto deste projeto também aponta para a necessidade de contextualizar a ideia do nicho e o conceito de *Cauda Longa*, de Chris Anderson. Isso porque, sendo a mulher no esporte um nicho do jornalismo esportivo, e o surfe outro nicho, o surfe feminino no jornalismo é um super nicho muito específico.

3.1. A participação da mulher no esporte

Historicamente, o processo de inserção da mulher no esporte passou por questões diversas, inclusive pela proibição, por lei, da participação delas em algumas modalidades. No início do século XIX, a participação da mulher já acontecia, mas foi no século XX que ela se consolidou. Esse processo se deu pela mudança da percepção do efeito do esporte na saúde da mulher, que no início do século XX recebe a permissão para participar das práticas esportivas. Médicos, em especial os higienistas, passam a afirmar os benefícios do esporte para elas, fosse no sentido de embeleza-las, ou nas melhores condições que elas teriam para serem mães (GOELLNER, 2009, p. 272)

No entanto, o esporte também confere a socialização das mulheres e sua maior participação no espaço público (GOELLNER, 2009, p. 277). No final da década de 30, os homens percebem o esporte como uma ferramenta de empoderamento feminino, e um decreto lei é instituído pelo Conselho Nacional de Deportos. Segundo o artigo 54 do Decreto-Lei, “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”¹.

A lei deixava em aberto as condições sob as quais as mulheres poderiam, ou não, participar de determinadas práticas esportivas. O decreto se manteve por três décadas, e

¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del3199.htm. Acesso em: 22 de novembro de 2019

tantos anos de proibição a esportes "masculinizados" acabaram por sedimentar um preconceito contra as praticantes de modalidades consideradas pouco "femininas" (VIEIRA, 2016, p. 24).

É com a ditadura militar (1964 – 1985) e o papel do esporte para legitimar as ações do governo que as conquistas esportivas tomaram um espaço novo, de maneira que tanto os homens quanto as mulheres eram necessárias para apresentá-lo como uma potência esportiva em ascensão e projetar o país em um cenário internacional (GOELLNER, 2009, p. 280).

Posterior a isso, é possível perceber o retorno das mulheres em esportes que, durante o tempo em que a lei estava em voga, não era possível encontra-las (GOELLNER, 2009, p. 280). Durante as décadas seguintes, novos significados foram conferidos ao esporte e aos benefícios que ele trazia para a saúde e, principalmente, para o corpo. Nesse momento, surge o que Goellner (2009) chama de *bodybusiness*, que a autora caracteriza como um conjunto de padrões que recriaram representações de saúde e estética, sob um discurso de melhor qualidade de vida e da saúde.

A partir deste momento, a presença da mulher no esporte ganha novos significados e exerce um papel econômico e mercadológico, para além de político. O corpo feminino se torna um objeto de espetacularização e é vendido como um dos produtos de uma sociedade que valoriza o consumo e a estética, a juventude, a aparência (GOELLNER, 2009, p. 284).

Assim, ainda que as mulheres participem cada vez mais de competições esportivas, é possível perceber como as atletas ainda estão submetidas a diversos modelos de comportamentos, principalmente no que diz respeito ao corpo e à sexualidade delas.

Esta é uma história conhecida no esporte: as mulheres tentando adentrar numa área dominada pelos homens, e encontrando uma série de dificuldades, baseadas nas representações sobre as possibilidades (estreitas) e impossibilidades (muitas) que seus corpos possuem para praticar determinadas atividades (KNIJNIK; CRUZ, 2004, p. 3).

3.2. Mulheres na mídia esportiva

O culto ao corpo é ainda mais forte quando o esporte em questão é o surfe. Porque, neste caso,

não dá para se esconder: os corpos estão à mostra, os biquínis estão à vista. Ou seja, o espaço e o status do corpo são bem diferenciados daqueles existentes em quadras cobertas, em modalidades com contato físico, nas quais o corpo está totalmente coberto, e mesmo em piscinas, que são fechadas e possuem outros códigos corporais (KNIJNIK; CRUZ, 2004, p. 5).

Nesse contexto, seja no caderno de esporte ou em portais de notícias especializados,

são recorrentes os discursos que, ao narrarem a participação das mulheres no esporte, priorizam dizer de seus corpos e aparências, em vez de suas trajetórias, conquistas e frustrações. Bela, maternal e feminina figuram aqui como imagens que, desde os primórdios do esporte no Brasil, são associados às mulheres (GOELLNER, 2009, p. 271)

Além disso, segundo um estudo realizado por Juliana Souza e Jorge Dorfman Knijnik em 2002, entre os meses de agosto e setembro, a cobertura de esportes praticados por homens teve 85,16% do espaço do caderno de esportes da Folha de São Paulo, enquanto os esportes femininos tiveram 11,49%. Segundo eles, no período analisado uma série de eventos esportivos de grandeza nacional e internacional estavam acontecendo, alguns somente do naipe feminino, outros para ambos os sexos, mas a presença feminina era uma constante (KNIJNIK; SOUZA, 2007, p. 41).

Tanto as palavras utilizadas, em manchetes e nos textos das notícias, quanto as imagens escolhidas para retratar essas matérias, normalmente apontam para um foco diferente, quando as personagens são mulheres. Silvana Vilodre Goellner (2010) afirma, em um de seus artigos, que quase sempre esses discursos priorizam falar dos corpos e aparência, em vez de destacar trajetórias, suas conquistas no esporte e até mesmo frustrações.

Dessa maneira, o jornalismo esportivo é capaz de construir e cultuar heróis, criar mecanismos para bisbilhotar a vida dos ‘olimpianos’, julgar, avaliar e analisar competições e instituir relações estabelecidas no dia a dia esportivo (BORELLI, 2002, p. 19), de modo a afetar a narrativa dos fãs que acompanham os esportes. Nesse contexto,

a mídia pode parecer simplesmente reportar o que acontece, mas na realidade constrói, por intermédio dos responsáveis pelas matérias, notícias permeadas por estruturas, valores e convenções. Ao dar cobertura significativamente maior à aparência física e ao comportamento feminino, frequentemente comparando seu desempenho com o dos atletas do sexo masculino, a mídia constrói o esporte a partir da diferença entre gêneros e a hierarquia dos sexos (ROMERO, 2004, p. 107).

Nesse sentido, “os valores notícia são todas as formas e fatores capazes de agir no processo da produção da notícia” (WOLF apud GULLIN; ANDRÉ, 2015, p.7) que, no caso do jornalismo esportivo, parecem impedir que certos esportes e as atletas mulheres desses esportes estejam presentes nas notícias, principalmente no jornalismo especializado.

Para além disso, a maneira que as mulheres são retratadas na mídia esportiva também é um fator responsável por elas conquistarem, ou não, o patrocínio necessário para que se profissionalizem em seus esportes. Ao mesmo tempo que o número de mulheres praticando

o surfe aumentou e atletas chegaram a um nível de competição maior, elas se negam a apelar ao uso e a exploração dos seus atributos de beleza como ferramenta de mercado, isto é, para obtenção de patrocínios ou publicidade (DIAS, 2010, p. 80).

No surfe, Silvana Lima é um exemplo da dificuldade de atletas mulheres conquistarem um patrocínio. Isso por que, apesar de ter sido a única brasileira na elite do esporte, a atleta ficou quatro anos por conta própria até conseguir um contrato em julho de 2015, mesmo tendo no currículo dois vice-campeonatos mundiais. A própria atleta confere isso aos padrões de beleza, nos quais ela não se encaixa.

Muitos patrocinadores não querem apenas uma boa atleta, e sim uma menina que faça dois trabalhos: o de modelo e o de surfista. A Carissa Moore [atual campeã mundial] sempre fala que não é modelo, que o trabalho dela é pegar onda. Ela é atleta e você nunca vai ver foto sensual em seu Instagram porque não é esse o seu trabalho, porém a maioria das meninas cede ao apelo, até a Stephanie Gilmore [hexacampeã mundial] depois que foi para a Roxy ficou assim. Isso é triste e não vai ajudar o *surf* feminino. (LIMA apud VIEIRA, 2015, p. 29).

É essa realidade que demonstra a maneira como a mídia esportiva retrata e, conseqüentemente, afeta o desempenho das atletas brasileiras, seja no contexto geral dos esportes, seja especificamente no surfe. Assim, a compreensão desses fatores é que vai gerar uma análise bem embasada do jornalismo especializado do país, a partir das notícias sobre o surfe feminino.

3.3. Jornalismo de nicho: mulher no jornalismo de surfe

A ideia do nicho, no jornalismo impresso e na mídia tradicional, vem de uma intenção de cobrir assuntos específicos. Nesse sentido, a presença da mulher no jornalismo de surfe é um super nicho que ainda não foi explorado da forma como pretendida no Portal Parafina. A cultura de nicho, a qual Chris Anderson (2006) cita como fato importante para a Cauda Longa, será o ponto chave para justificar o projeto.

A teoria da Cauda Longa é explicada por Chris Anderson como um fenômeno da era da tecnologia. Para ele, trata-se de um deslocamento do consumo de produtos e serviços, a partir do aumento da sua oferta. A curva do consumo, em um gráfico, se desloca da “cabeça”, em que estão concentrados os produtos “hits”, que atraem a maior quantidade de compradores ou público, para a “cauda”, em que estão uma infinidade de ofertas com uma quantidade menor de consumidores.

Para Anderson, a transformação do público de massa para um público de nichos é a principal consequência da Cauda Longa. Isso porque, “distribuição abundante e barata significa variedade farta, acessível e ilimitada — o que, por sua vez, quer dizer que o público tende a distribuir-se de maneira tão dispersa quanto as escolhas” (ANDERSON, 2006, p. 160). Assim, ainda segundo o autor, a mídia e suas tecnologias evoluíram de uma forma que passaram a satisfazer interesses específicos.

A imprensa, nesse contexto, é a primeira a ser afetada por essas novas tecnologias e a se encaixar na Cauda Longa.

Houve época em que o poder dos jornais decorria do controle das ferramentas de produção. Daí o ditado: "Nunca compre briga com alguém que compra tinta em barris." Porém, a partir de princípios da década de 1990, as notícias começaram a aparecer em telas, não apenas em páginas impressas. E, de repente, qualquer pessoa com um laptop e conexão com a Internet tinha o poder da imprensa (ANDERSON, 2006, p. 164).

Assim, primeiro os blogs, depois outros sites de notícias especializados em um assunto específico passam a surgir online. Com a oferta quase infinita de fontes de notícias, os leitores passam a buscar por mais notícias sobre assuntos que eles já estão interessados (DOCTOR, 2011).

Nesse contexto, a partir da compreensão do jornalismo de surfe feminino como um super nicho, é possível entender como esse assunto está além do jornalismo esportivo em geral, ou do jornalismo de surfe, que já seria um nicho. As especificidades do surfe feminino devem ser levadas em conta para a construção deste site. Ainda assim, é necessária a compreensão de como o jornalismo de surfe feminino é retratado como um assunto dentro de um nicho, o surfe. Isso porque o surfe feminino ainda não é abordado como um nicho em nenhum veículo de informação online, como será analisado no próximo capítulo.

4. SURFE FEMININO NOS VEÍCULOS DE NOTÍCIA ONLINE

Com o objetivo de compreender como é feita a cobertura jornalística do surfe feminino no Brasil, foram analisadas as notícias e editoriais de três sites especializados. A partir de uma pesquisa ao Google pelas palavras chaves “notícias de surfe”, os três sites que apareceram na primeira página da pesquisa foram os escolhidos. Assim, o critério de escolha foi a relevância dada a esses sites pela ferramenta de pesquisa.

Para estudar a questão, é necessário partir de uma generalização do que é comum encontrar nos produtos especializados. Rafael Fortes (2009), em uma análise sobre a revista “Fluir” e outras publicações do nicho, aponta o fato de que os textos, quando faziam referências às mulheres, repetiam o discurso hegemônico no que diz respeito à mulher no esporte: falavam basicamente dos atributos físicos. Já nas fotos, poucas eram as que mostravam as mulheres em suas pranchas, pegando ondas. E a maioria era de mulheres de biquínis, em ângulos que privilegiavam bundas e peitos.

A partir dessa análise, é possível entender o que está faltando no cenário da mídia especializada e do nicho do surfe feminino. Assim, o projeto apresentado tem o intuito de suprir essa falta, além de ir contra discursos hegemônicos que podem atrapalhar o desenvolvimento das mulheres no esporte.

4.1. Rico surf

O site “Rico surf”², entre os três sites escolhidos, parece ser o mais antigo, apesar de essa informação não aparecer no site ou em nenhuma de suas redes sociais. O site é dividido entre as sessões de notícias, previsões e boletim de ondas, galerias de fotos, TV Rico Surf, contato e museu do surf.

A sessão de notícias abrange as editoriais: *Surf*, *Ondas Grandes*, *Entrevistas*, *Longboard*, *Bodyboarding*, *Feminino*, *Stand Up*, *Surf Trip*, *Kite Surf*, *Meio Ambiente*, *Canal Rico* e *Beach Girls*.

Dentre essas, nos interessa as editoriais *Surf*, *Longboard*, *Feminino* e *Beach Girls*. O *Surf* é a editoria que pretende noticiar os acontecimentos do circuito mundial e nacional de surfe e o *Longboard* é uma modalidade em que o Brasil se destaca, no que diz respeito ao surfe feminino, pelas conquistas da atleta Chloe Calmon, por isso, são editoriais que merecem

² Disponível em: <https://ricosurf.com.br/>. Acesso em: 9 de outubro de 2019.

a atenção nessa análise. Já a editoria *Feminino* é a que tem como foco principal todas as notícias que incluem as mulheres atletas do circuito nacional e mundial.

A editoria *Beach Girls* chama a atenção por ser uma sessão em que são publicados ensaios fotográficos de mulheres de biquínis com pranchas de surfe. A editoria consiste em fotografias dessas meninas, as “*beach girls*”, que têm em torno de 20 anos, com suas pranchas de surfe – mas sem fotos surfando – e uma entrevista curta em que falam quem é o surfista preferido delas, qual a praia favorita, se praticam, ou não o surfe, que viagem gostariam de fazer e quem acreditam que vai ganhar o circuito mundial. Parecida com a sessão “*Gatas*” da revista *Brasil Surf*, publicada entre os anos de 1975 e 1979, que trazia fotos de mulheres de biquíni na areia da praia, em uma página da revista³.

Já sobre as notícias de surfe propriamente ditas, a editoria “*Surf*” é a que possui um maior número de publicações. No período de um mês – entre os dias 9 de setembro e 9 de outubro – das 46 notícias publicadas, três foram sobre mulheres. A primeira, do dia 13 de setembro, é sobre o Circuito Brasileiro de *Surf* Feminino, em Ubatuba, que começou no dia em que a notícia foi ao ar. A segunda, no dia 8 de outubro, que anunciava quais atletas competiriam as semifinais da etapa francesa do Campeonato Mundial, apesar de nenhuma outra notícia ter abordado ainda as atletas mulheres dessa etapa. E a mais recente, também do dia 8 de outubro, em que noticiava quem era a líder do ranking na última etapa do circuito nacional de surfe feminino, que aconteceria nos dias 18 a 20 de outubro.

No “*Longboard*”, apenas duas notícias foram publicadas no mesmo período de um mês, e nenhuma falava apenas de mulher. No entanto, uma delas falava da vitória de uma havaiana na etapa de Nova York do campeonato mundial de *longboard*, em cima da brasileira Chloe Calmon, líder do ranking mundial, e de um havaiano em cima do Jefson Silva, que defende o Brasil entre os homens do *longboard*.

A editoria “*Feminino*”, diferente do esperado, não concentra todas as notícias sobre as surfistas do site, mas sim apresenta notícias que não se encaixam em nenhuma das outras editorias. Nesse contexto, no período de um mês, apenas três notícias foram publicadas nessa sessão. Uma no dia 12 de setembro, sobre a geração de meninas mais novas que buscam espaço no circuito feminino nacional, na etapa de Ubatuba dos dias 11 a 13 de setembro. A segunda, que retoma o mesmo evento com um vídeo dos melhores momentos, postado no

³ Disponível em:

<https://www.facebook.com/345057062682860/photos/a.533354233853141/533359850519246/?type=3&theater>. Acesso em: 22 de outubro de 2019.

dia 18 de setembro. E a última, do dia 26 de setembro, para anunciar a última etapa do circuito feminino nacional, entre os dias 18 e 20 de outubro.

Em nenhuma das notícias publicadas no período os atributos físicos vêm como questão chave do fato noticiado, seja no texto seja nas imagens que ilustram as reportagens. Assim, é possível perceber alguma mudança em relação ao que era comum na cobertura de esportes femininos.

No entanto, a sessão *Beach Girls* aponta um enorme retrocesso, no que diz respeito à visão do consumidor desse site, sobre as mulheres. Esses ensaios fotográficos, sem qualquer teor informativo, não trazem visibilidade às atletas do esporte e têm como única característica a objetificação dessas meninas. Em contraponto, o Portal Parafina tem a editoria *Donas do Mar*, que pretende trazer mulheres atletas para o foco das notícias, mas para abordar suas habilidades, dificuldades e objetivos como atletas do surfe feminino.

4.2. Tudo pelo surf

O site “Tudo pelo surf”⁴, foi fundado em 2016, com o objetivo de realizar a cobertura dos principais campeonatos de surfe do mundo. O menu principal divide o site entre a *Home*, *Notícias*, *Ranking*, *Fotos*, *Entrevistas e Parceiros*. O *Ranking* é separado entre feminino e masculino, e divide os atletas entre o CT (*Championship Tour*), o QS (*Qualifying Series*) e a *tour* do *longboard*. No entanto, ao clicar nas diferentes sub-sessões, abre uma página em branco. Apenas ao clicar em “*ranking*” no menu principal, o site redireciona para uma página com notícias de campeonatos em geral.

Já a sessão de *Notícias* é dividida também em editorias: *WSL*, *Big Wave World Tour*, *Surf Nacional*, *Longboard*, *Bodyboard*, *SkinBoard*, *KiteSurf*, *WindSurf*, *SUP* e *Vídeos*. Ou seja, o site pretende dar conta da cobertura da maioria dos esportes de água que envolvem uma prancha. Diferente do site “*Rico Surf*”, não existe uma sessão somente feminina.

Na sessão do *WSL*, as notícias são todas sobre o circuito mundial de surfe, tanto de *longboard*, quanto do *WCT*, do *WQS* e da *Junior Series*. No período entre os dias 9 de setembro e 9 de outubro, 26 notícias foram publicadas na sessão, com atualizações do que aconteceu na etapa francesa do mundial, que começou no dia 3 de outubro, e na etapa de Portugal das séries classificatórias, que aconteceu entre os dias 24 e 29 de setembro. Além

⁴ Disponível em: <http://tudopelosurf.com.br/>. Acesso em: 9 de outubro de 2019.

de uma notícia sobre o *tour* de *Longboard*, da etapa de Nova York, que terminou no dia 11 de setembro, e notícias sobre a *Junior Series*, que também é do WSL.

Das 26 notícias, quatro eram sobre as atletas mulheres, uma da Chloe Calmon e do Jefson Silva, que representaram o Brasil na etapa americana do *tour* de *longboard*, e a mais antiga falava de Isabela Saldanha e Heitor Mueller, que representaram o Brasil na *Junior Series*. As quatro notícias que focavam somente nas mulheres foram sobre a participação de Silvana Lima e Tatiana Weston Webb, as únicas atletas de surfe de quilha que representam o Brasil mundialmente, nas etapas do circuito mundial.

A primeira dessas notícias, do dia 11 de setembro, falou da vontade de Tati Weston Webb de melhorar sua performance na etapa da piscina de ondas do Kelly Slater. A segunda, já sobre a etapa francesa, noticia uma “dobradinha” brasileira de Silvana e Tatiana nas repescagens, no dia 7 de outubro. Na terceira notícia, a classificação de Tatiana nas quartas de finais da etapa, ainda no dia 7 de outubro. E a notícia mais recente, do dia 8 de outubro, sobre a eliminação de Tati da etapa francesa.

Já na sessão de *Surf Nacional*, cinco notícias foram publicadas no período analisado. Entre elas, duas falaram de atletas mulheres. A primeira, do dia 11 de setembro, sobre a participação da atleta Louise Frumento em um campeonato de surfe nacional na praia do Guarujá, onde ela já havia vencido no ano anterior. A mais recente, do dia 15 de setembro, trazia a atleta Monik dos Santos, que venceu a etapa do Circuito Brasileiro de *Surf Feminino*, e apontava Camila Cássia ainda como a líder do ranking do circuito. No *Longboard*, nenhuma notícia foi publicada no período analisado.

Também nesse caso, o “Tudo pelo *Surf*” parece ir contra o que foi, e ainda é, o discurso hegemônico da mídia esportiva, quando trata das mulheres. Ademais, a cobertura da etapa francesa do campeonato mundial, que manteve os leitores atualizados a cada avanço das atletas femininas, é um exemplo a ser seguido na editoria *Competições* do Portal Parafina, que pretende, da mesma maneira, realizar a cobertura do campeonato mundial. No entanto, para o circuito nacional feminino, a sessão *Surf Nacional* trouxe menos notícias e não acompanhou cada etapa de eliminatória do evento que aconteceu no período analisado. Nesse caso, o Portal Parafina pretende seguir o exemplo do circuito mundial também nos campeonatos nacionais.

4.3. *Surf guru*

O último site analisado, “*Surf guru*”⁵, foi lançado em 2001, com o objetivo de fornecer previsão de ondas e vento para a prática de esportes de água. No entanto, passou a dar também notícias sobre esses esportes. Da mesma maneira que os dois sites anteriores, seu menu principal é dividido em sessões: *Início, Previsão, Notícias, Vídeos, Trips, Galerias, Ciência, Cursos e Surf guru Shop*.

A categoria *Notícias* é dividida entre os esportes aquáticos *Surf, Long, Bodyboard, SUP, Bodysurf, Kitesurf, Kitewave, Caiaque e Canoa*. E no final da página, no rodapé do site, a sessão *Girls* aparece, apesar de não estar no menu principal e nem na subdivisão das sessões.

“*Surf guru*” é o site com maior movimentação na sessão de *Surf*. Em um mês – entre 9 de setembro e 9 de outubro - foram 78 notícias, que falavam tanto do surfe nacional quanto internacional, além de posts que envolvem marcas, cursos ou festivais de surfe no Brasil. Dentre as 78 notícias publicadas, 11 falavam sobre atletas mulheres e duas falavam tanto de mulheres quanto de homens.

A mais antiga, do dia 9 de setembro, traz a mesma notícia postada no site “Tudo pelo *Surf*”, o que leva a crer que a notícias é a reprodução de um release. O texto é sobre a *Pro Junior Series* em que Heitor Mueller e Isabela Saldanha venceram. Isso demonstra a importância dos releases como uma forma de obter informações sobre os campeonatos em âmbito nacional. Assim, será necessário pensar em uma maneira de o Portal Parafina ter acesso a eles, a partir da assessoria de imprensa dos organizadores dessas competições.

No mesmo dia, uma notícia sobre o Mundial da ISA, no Japão, em que Tatiana e Silvana disputaram uma medalha. No dia 10 de setembro, mais uma notícia do ISA, agora sobre a medalha de prata de Silvana e sobre o “milagre” de Ítalo Ferreira no campeonato. No mesmo dia, uma notícia do surfe feminino nacional, sobre as inscrições para participar do Circuito Brasileiro de *Surf Feminino* em Ubatuba.

No dia 11 de setembro, mais uma matéria que parece a reprodução de release, com uma notícia com o mesmo texto de uma postada no site “Tudo pelo *Surf*”, sobre a surfista Louisie Frumento e sua participação no Rip Curl Guarujá Open de *Surf*. No mesmo dia, outras duas notícias do Circuito de *Surf Feminino* em Ubatuba, uma espécie de perfil sobre a atleta Sophia Gonçalves e um texto um pouco mais curto, sobre a atleta Pâmela Mel, de 13

⁵ Disponível em: <https://surfguru.com.br/>. Acesso em: 9 de outubro de 2019.

anos, que também iria participar do campeonato no dia 13 de setembro. No dia 12 de setembro, mais uma notícia sobre o Circuito, agora trazendo os nomes das atletas da nova geração que iriam competir no dia seguinte. E já no dia 13, uma nova postagem sobre o circuito, dessa vez com as informações gerais sobre o campeonato. No dia 16 de setembro, a última postagem sobre aquela etapa do Circuito, para atualizar sobre quem foi a campeã do evento, a atleta Monik Santos. A notícia, mais uma vez, foi a reprodução de um release, com o mesmo texto publicado no site “Tudo pelo *Surf*”.

No circuito mundial, uma notícia do dia 19 de setembro repete o mesmo texto do site Tudo pelo *Surf*, mais uma vez, o release como fonte da notícia. Nesse caso, sobre a atleta Tatiana Weston Webb e sua performance na etapa da piscina de ondas de Kelly Slater. Ou seja, até mesmo no âmbito internacional, os releases são uma maneira de entender o que é notícia para o cenário do surfe. De volta ao cenário nacional, mais uma notícia do Circuito Feminino Brasileiro, com a confirmação do local da última etapa, que ocorre em Ubatuba nos dias 18 a 20 de outubro. E a notícia mais recente, sobre a etapa francesa do campeonato mundial, com a eliminação da Tatiana nas quartas de finais.

Por fim, na sessão *Girls*, que fica escondida no rodapé do site, a última atualização foi feita no dia 13 de abril, com uma notícia de uma atleta de *bodyboard*.

Para ilustrar suas notícias, o “*Surf Guru*”, para ilustrar suas notícias, traz galerias de imagens dos eventos que está noticiando. Todas as imagens são das atletas surfando, ou no pódio e na areia comemorando. Mais uma vez, uma prática que será reproduzida no Portal Parafina, para reforçar a habilidade das surfistas, acima de seus atributos físicos.

No entanto, o “*Surf Guru*” não consegue cobrir todos os campeonatos mundiais e nacionais que envolvem as mulheres, e não mantém o leitor atualizado em cada eliminatória das etapas. Nesse sentido, o Portal Parafina pretende fazer uma cobertura mais completa, seja do circuito nacional, seja do mundial. Quanto a notícias específicas, o perfil da atleta Pâmela Mel traz algumas informações que podem inspirar a editoria *Donas do Mar*, já citada, com os perfis de atletas brasileiras.

5. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

O relatório de produção do projeto apresentado pretende mostrar como foi o processo de criação e elaboração do site, desde a definição de um nome, até logo e layout, passando por outras escolhas que foram feitas durante o processo. Além disso, a intenção do relatório é, também, demonstrar como o site será mantido quando for colocado no ar.

5.1. Concepção da identidade visual

A ideia de criar um site de notícias sobre surfe feminino teve início nas aulas da disciplina de Webjornalismo com o professor Fernando Ewerton, no primeiro período de 2018. Mas foi no segundo período, na disciplina de Jornalismo Gráfico, com o professor Otávio Aragão, que o portal começou a tomar forma. O trabalho final da disciplina foi a criação do projeto de identidade visual de um produto online. A intenção de criar um portal já existia, e a ideia foi sugerida para as três colegas que formaram o grupo comigo. O processo de criação de toda a identidade visual foi feito por Fernanda Bahia, Barbara Martins, Anna Luiza Costa e Roanna Azevedo.

O primeiro passo para a criação do projeto foi a busca por um nome. A primeira ideia foi Longarina, mas por conta da existência de um blog sobre surfe feminino que já possuía esse nome, buscamos outras possibilidades, a partir de palavras femininas que remetessem ao vocabulário do surfe. Assim, chegamos em Parafina. Parafina é uma cera utilizada pelos surfistas de quilha, para evitar que a prancha fique escorregadia durante o surfe. Além de ser uma palavra feminina, “parafina”, portanto, remete à estabilidade que é essencial no esporte. No entanto, como “parafina” já é uma palavra que nomeia um objeto, não seria possível registrá-la como nome do site, assim, o site se tornou Portal Parafina.

Com o nome definido, o grupo se voltou para a criação da logo e as escolhas das cores e fontes da identidade visual do portal. A escolha das cores foi feita a partir de momentos que remetem ao surfe e ao mar. Por isso, dois tons de azul que lembram os tons do mar e do céu foram escolhidos. O rosa-avermelhado, que representa o pôr do sol e a sensação de calor era a cor principal do site. E por fim, o laranja, que representa a *golden hour*, ou o início do pôr do sol era a quarta cor da identidade visual do portal. Na prática, apenas o rosa-avermelhado e um tom de azul foram mantidos para o site.

Para a logo, o ponto de partida foi uma onda, o símbolo mais óbvio do surfe. Por ser óbvio, era necessário desenvolver a ideia para algo menos comum. Assim, partimos da ideia

da onda e buscamos outros elementos do surfe, como a prancha, para unir esses símbolos e chegar na logo final. Da prancha, usamos a quilha, junto com a crista da onda para a construção da logo.

Figura 1 - Logo do site



Fonte: Elaboração da autora

“Simplifica” foi a fonte escolhida para escrever o nome do portal na logo. “A fonte foi criada por Kaiwa, para Freebiesbug. É ligeiramente condensada, sem serifa e possui uma largura de linha uniforme e fina. Sua altura e ‘olhos claros’ favorecem a legibilidade” (tradução da autora).⁶

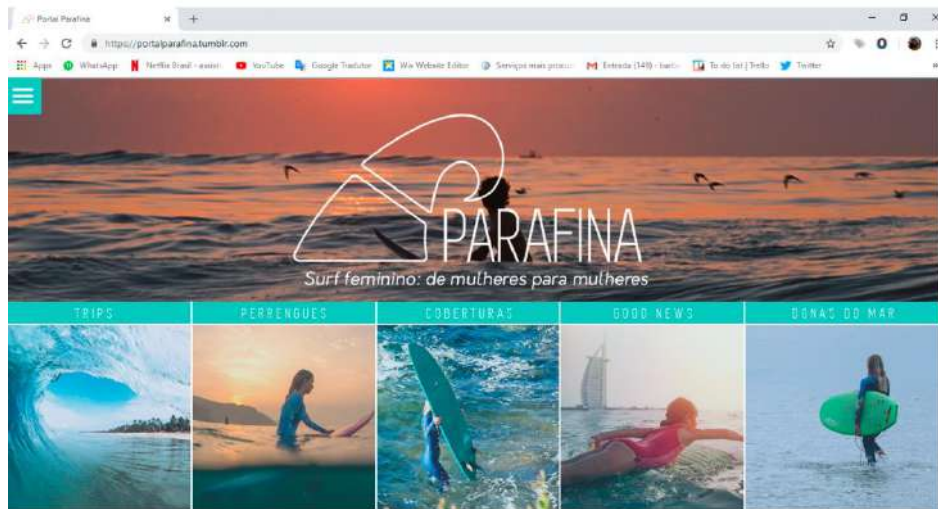
“Orkney” é a fonte utilizada para os textos das matérias, títulos e subtítulos. “É uma fonte geométrica projetada por Samuel Oakes. Ela foi criada para ser única, funcional e adaptável a uma grande variedade de projetos impressos ou digitais” (tradução da autora).⁷

O layout do site também foi desenvolvido durante a disciplina de Jornalismo Gráfico. A ideia inicial era montar um site semelhante à *timeline* do Pinterest ou ao feed do Instagram. Assim, a home do site seria majoritariamente imagética, com cinco colunas – uma de cada editoria – e rolagem infinita, em que cada imagem direcionava a uma matéria recente do site.

⁶ No original: *It is a slightly condensed sans-serif typeface featured by an uniform and thin line width. Its high positioned capsheight and ascender favours legibility. A fine, simple and clear font that you can't miss.* Disponível em: <https://freebiesbug.com/free-fonts/simplifica-free-font/>. Acesso em: 20 de outubro de 2019.

⁷ No original: *Orkney is a geometric typeface designed and conceptualized by Samuel Oakes. The goal in creating the typeface was to have a unique yet functional typeface that can be used for a wide variety of projects on print or screen.* Disponível em: <https://www.fontsquirrel.com/fonts/orkney>. Acesso em: 20 de outubro de 2019.

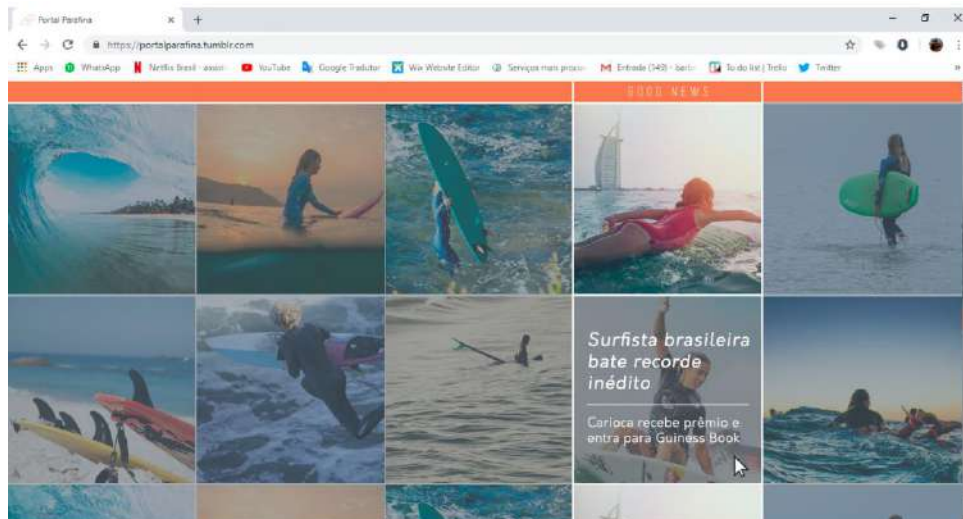
Figura 2 - Página inicial do site



Fonte: Elaboração da autora

Ao passar o mouse por cima de cada imagem, o título e subtítulo da matéria aparece e ao clicar na matéria, a notícia abre para leitura. Para a notícia, uma imagem grande em destaque para ilustrar a matéria e o texto em Orkney.

Figura 3 - Outra página do site



Fonte: Elaboração da autora

Figura 4 - Layout da matéria



Fonte: Elaboração da autora

A rede social principal do site é o Instagram, por ser imagético e possibilitar uma maior interação com as leitoras e surfistas. Assim, algumas editorias foram pensadas somente para essa rede social e algumas para ambos. Fotos na *timeline*, *stories* e vídeos do IGTV seriam algumas das maneiras do site se fazer presente no Instagram.

As editorias pensadas para o Portal Parafina, no seu momento de concepção foram: *Trips*, *Perrengues*, *Competições*, *Boas Novas* e *Donas do Mar*. A editoria *Trips*, foi pensada para o Instagram e para o site. Seria uma espécie de bastidor de viagens de surfe voltadas para o desenvolvimento e maior união da comunidade de surfistas mulheres do Rio de Janeiro, em que eu estivesse presente.

A editoria de *Perrengues* tem a intenção de mostrar as dificuldades e os absurdos enfrentados por surfistas mulheres dentro e fora da água. Uma maneira de as mulheres desabafarem e tornarem visíveis os problemas que ainda enfrentam no esporte. Uma editoria para o site e Instagram, com vídeos de mulheres contando esses perrengues no Instagram, e notícias em texto mais aprofundadas no site.

A editoria *Competições* foi pensada para realizar a cobertura dos campeonatos mundiais e nacionais de surfe feminino. Seria a editoria com a maior constância de atualizações. Foi uma editoria idealizada para o site, mas com o apoio do Instagram com possíveis convidadas para comentarem os *highlights* de cada dia de campeonato.

As coberturas poderiam ser feitas a partir de notícias e informações apuradas do WSL ou outras fontes de informações. Os releases, como percebido durante a análise de sites de

surfe brasileiros, também são uma fonte importante de informações para a cobertura de campeonatos nacionais e internacionais. Nesse sentido, ter acesso a essas assessorias, para receber os releases, é essencial para a editoria de Competições. Além disso, a cobertura dessas competições também poderia ser realizada “in loco”, quando acontecerem em lugares de fácil acesso.

Boas Novas é a editoria contrária a *Perrengues*. Uma forma de trazer boas notícias e as novas conquistas das mulheres no universo do surfe. Por último, a editoria *Donas do Mar* tem a intenção de trazer perfis de surfistas brasileiras, profissionais ou amadoras. A intenção dessa editoria é trazer essas mulheres que, de alguma forma, fomentam e participam do surfe e influenciar outras mulheres a entrarem no esporte também.

5.2. Montagem e estruturação do portal

O layout e as cores imaginadas durante a disciplina se tornaram inviáveis no momento de construção do site. A ideia de um feed de imagens impedia que muitas informações estivessem visíveis na página inicial. Desta maneira, um novo layout foi desenvolvido durante a construção do site na plataforma Wix.

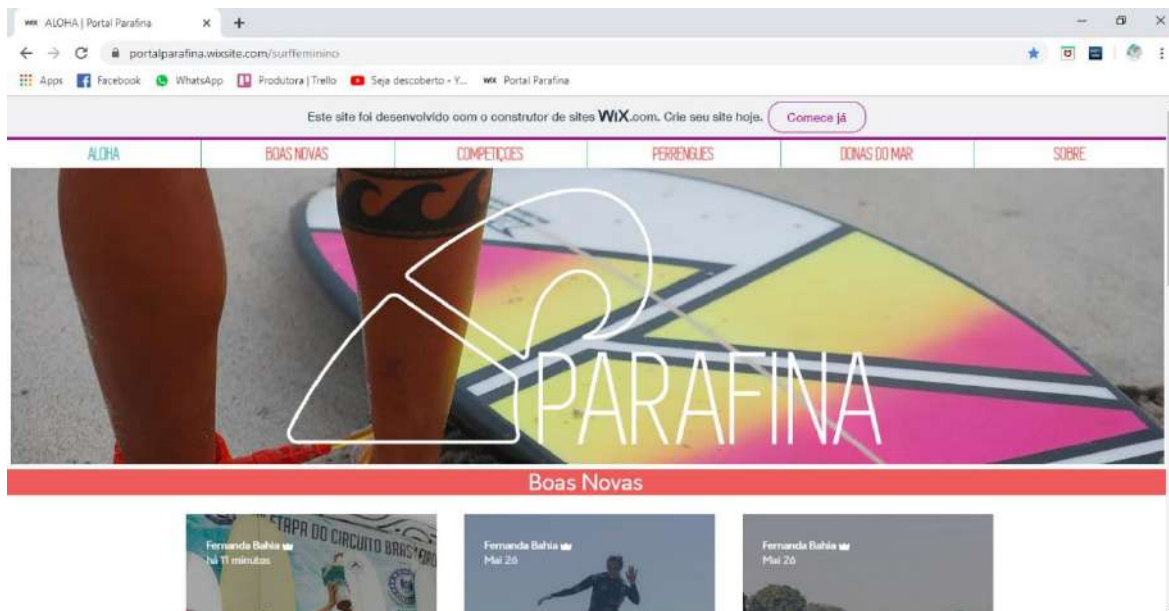
Além disso, percebi que as editorias necessitavam de layouts específicos na página principal, que funcionassem com as imagens, disponibilidade de informações e constância com a qual serão postadas. Dessa forma, o novo layout leva em conta especificidades de cada editoria para organizar suas informações, matérias e links.

A escolha do Wix se deu pelo meu conhecimento prévio da ferramenta, a qual já tinha usado para a construção de um site para outra disciplina da faculdade. Dessa forma, por ser uma ferramenta intuitiva e completa o bastante para hospedar um site de notícias, foi uma escolha melhor do que a de aprender a usar outra ferramenta de hospedagem e construção de sites.

Durante a montagem, outras questões foram levantadas, que iam de encontro ao que havia sido planejado inicialmente. As quatro cores que faziam parte da primeira identidade visual do Portal Parafina não se encaixaram adequadamente ao novo layout. Apenas duas cores foram mantidas: o azul e o rosa-avermelhado. Assim, o site ficou mais limpo e as cores se encaixaram melhor. No entanto, o verde e o laranja ainda farão parte do visual do site, por estarem presentes na maioria das fotografias de surfe.

Na página inicial do novo layout, faixas de informação trazem cada editoria. No novo projeto, apenas quatro das cinco editorias foram mantidas. A seção *Trips* foi retirada, ao perceber as dificuldades de mantê-la atualizada nos momentos iniciais do Portal.

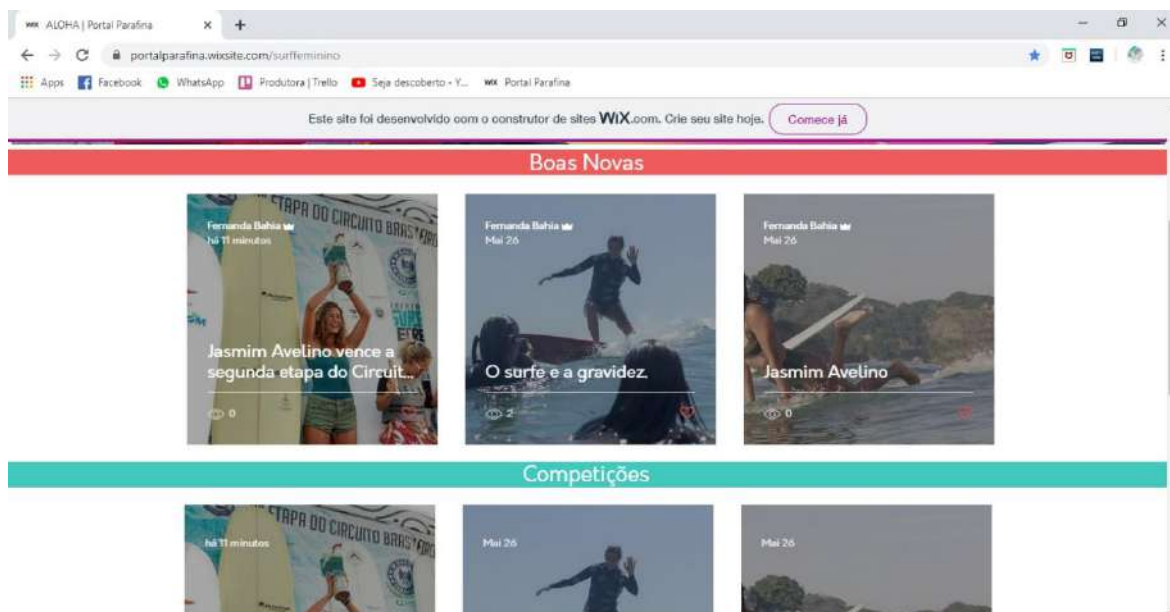
Figura 5 – Página inicial



Fonte: Elaboração da autora

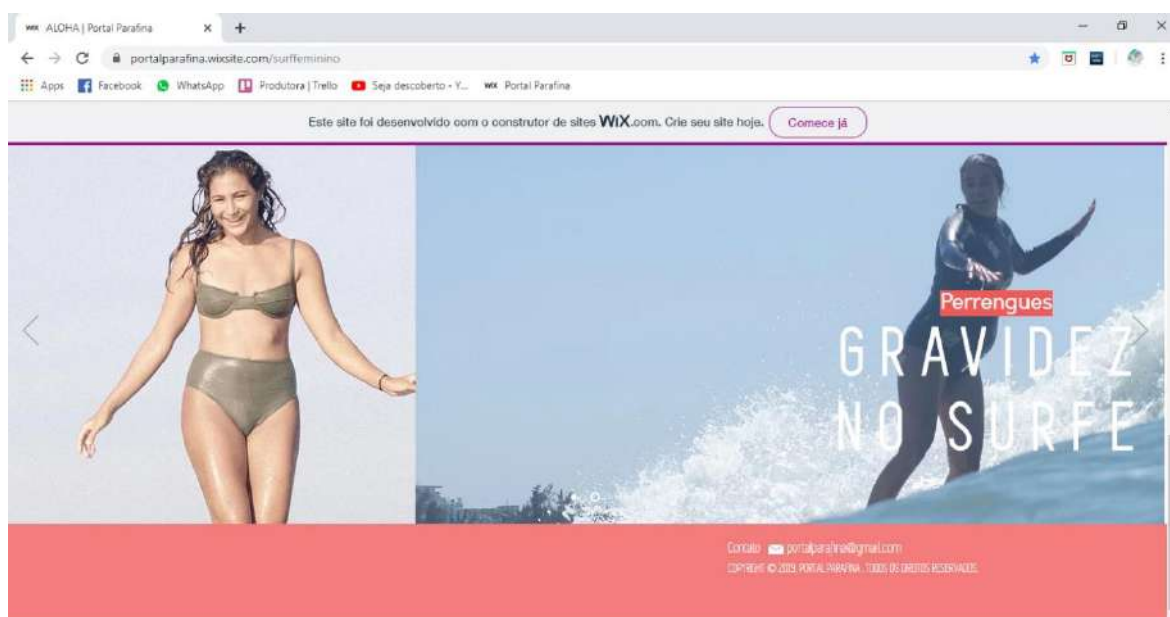
Boas Novas – novo nome para a editoria *Good News* – e *Competições* – novo nome para a editoria *Coberturas* – estão em primeiro lugar na página, logo abaixo da capa com a logo, uma vez que são as editorias com a maior constância de postagens no site. Para essas duas editorias, as três ou quatro notícias mais recentes estarão sempre em destaque na página inicial, como miniaturas com as fotos e títulos. Depois, em formato de slides, as editorias de *Perrengues* e *Donas do Mar*, com o título da notícia mais recente em cima da foto.

Figura 6 – Página inicial (Boas Novas e Competições)



Fonte: Elaboração da autora

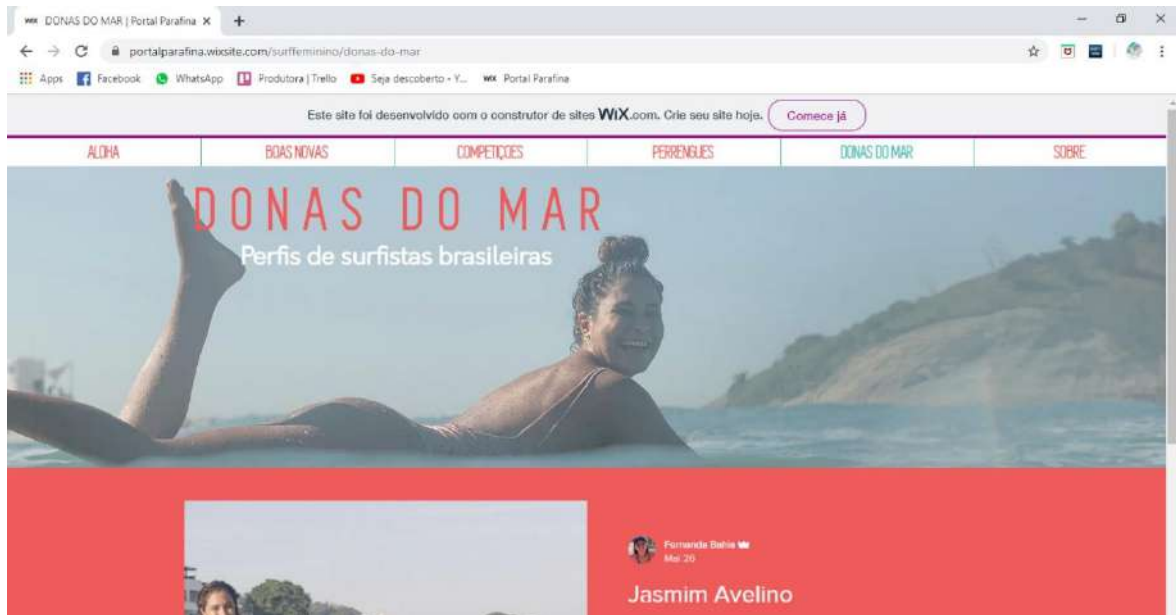
Figura 7 – Página inicial (Perrengues e Donas do Mar)



Fonte: Elaboração da autora

Ao clicar no nome de cada editoria, na barra do menu no alto da página, o leitor é redirecionado a uma página com as notícias recentes daquela editoria específica. Para cada página de uma editoria, as notícias serão destacadas com as imagens grandes a esquerda, e o título e o subtítulo da matéria no lado direito.

Figura 7 – Exemplo do layout das editorias



Fonte: Elaboração da autora

A última página do site é o *Sobre*, com um breve resumo do site e um texto curto sobre a autora. Com o aumento da equipe, todos terão sua imagem e um pequeno texto com sua função adicionados ao *Sobre*.

Quanto à linguagem escolhida para o site, é possível perceber, já pelos nomes das editorias, que o vocabulário do surfe estará extremamente presente. A linguagem mais formal será dispensada nas notícias, bem como nas legendas e textos do Instagram. Durante as matérias, a linguagem jornalística terá menos espaço, com uma linguagem mais coloquial presente. Os textos serão mais parecidos com um blog, mas sem perder as características de uma reportagem, com todas as informações necessárias para contextualização da notícia.

A presença da primeira pessoa na rede social será constante, com a minha vivência do surfe e meu relato de acontecimentos e dias de prática do esporte. Além disso, outras formas de interações podem surgir no recurso dos stories, fugindo dessas editorias já pensadas para o site.

5.3. Versão *mobile*

A versão *mobile* do Portal Parafina foi otimizada pela ferramenta do Wix, própria para isso. Essa ferramenta impede que o site para o celular fique muito diferente do *layout* para computador. Isso dificultou que fosse melhor adaptado, uma vez que o site foi todo

pensado para um *notebook*. No entanto, algumas adaptações foram feitas para que a navegabilidade funcionasse da maneira correta, os textos e os botões estivessem do tamanho apropriado e as imagens no formato certo. Assim, foi um novo processo de montagem, uma vez que o layout precisou ser repensado para essa versão.

Na página inicial, foi necessário aumentar os textos e os botões, para que eles ocupassem quase a largura da tela, com as notícias em destaque para baixo. Dessa forma, as editorias de *Boas Novas* e *Competições* acabaram ocupando mais espaço, com cada imagem da notícia organizadas para baixo, e não lado a lado. Já o carrossel de *Donas do Mar* e *Perrengues* ficaram menos largos e com mais altura, e os textos um pouco maiores.

Dentro das editorias, as capas foram mantidas, com textos um pouco maiores, para ocupar a largura da tela. As notícias mais recentes, de maneira automática, passaram a ocupar a tela inteira e se organizar para baixo, da mesma forma da página inicial. Assim, não foi necessário realizar muitas alterações nas páginas de cada seção.

5.4. Manutenção do site

A princípio o site entraria no ar no mês de junho de 2019, durante a etapa de Saquarema do Campeonato Mundial. No entanto, percebi que não haveria tempo para a manutenção do site durante o ano e repensei a data de lançamento. Cheguei à conclusão de que lançar o site com um maior planejamento era uma ideia melhor para que fosse mantido de forma mais profissional. Dessa maneira, decidi lançar o Portal Parafina no início do calendário de campeonatos do ano de 2020, junto com a primeira etapa do Campeonato Mundial. A intenção é de montar uma equipe somente de mulheres. De preferência que tenham algum tipo de envolvimento e relação com o esporte.

Para a manutenção do site, após seu lançamento, a intenção é de ter pelo menos duas pessoas para pensar em pautas, escrever e publicar as matérias, além de manter o Instagram atualizado. Em princípio seria uma forma de parceria, visto que o site ainda não tem nenhuma forma de conseguir dinheiro. As fotografias serão tiradas por mim mesma, ou compradas e licenciadas por outros fotógrafos, em ocasiões em que não for possível que eu possa tirá-las.

Como forma de alcançar público e fazer com que acessem o site, duas redes sociais serão utilizadas para encaminhar os leitores. O Instagram, como dito anteriormente, será usado como um suporte, com as chamadas das notícias postadas na timeline, além dos stories, para aguçar a curiosidade e fazer com que acessem o Portal para ler a história inteira.

Além disso, o Pinterest será uma outra maneira de manter o site, uma vez que as fotos publicadas nessa rede, junto com as palavras chaves corretas, alcançam leitores, de maneira que, para saber mais sobre as fotos e o pequeno texto publicado na legenda da foto.

Para conseguir dinheiro, o site irá dispor de espaços de propaganda, como banners de publicidade nas laterais e no final da página. Além disso, o Instagram também poderá ser uma plataforma para divulgar parcerias e fazer propaganda de marcas que tiverem alguma relação com o site. Para projetos específicos, o uso do *crowdfunding* também é uma possibilidade, quando em caso de alguma viagem para cobertura de campeonatos, por exemplo.

Com o aumento da equipe e do dinheiro disponível para o site crescer, é possível que novas seções sejam adicionadas ao site, como a de previsão de ondas, a *Wave Check*, a editoria *Trips*, que foi pensada no projeto inicial do site. Além disso, o crescimento do site pode render também novos conteúdos de vídeo, de maneira que o Youtube se torne uma outra rede social para o Portal.

6. CONCLUSÃO

Pensar e montar o Portal Parafina foi só o início do que se transformou no meu objetivo profissional. O site foi a forma de solucionar um problema que eu enxerguei já no início do meu contato com o surfe, no começo de 2018: as mulheres passam por inúmeras dificuldades para se profissionalizarem. E por isso, tornou-se imprescindível que esse assunto, e esse processo, fossem o tema do meu trabalho de conclusão de curso. Mas, depois de toda a pesquisa realizada, ainda é necessário colocar o site e suas redes sociais no ar e pensar na melhor forma de mantê-los atualizados com uma equipe de duas pessoas.

Ainda assim, a partir da pesquisa teórica realizada para a produção deste trabalho, foi possível entender como esse site é necessário e importante no contexto nacional, e até internacional do esporte. A forma como a mídia fez parte do surgimento e desenvolvimento do surfe no país, além da maneira como as mulheres foram, e ainda são retratadas na mídia esportiva apontaram o caminho inicial do porquê produzir o Portal Parafina. Durante a análise dos sites de notícias especializados, uma pesquisa no Google não apresentou qualquer fonte de notícias voltada somente para o surfe feminino, seja no Brasil ou no exterior. As mulheres, no esporte em geral, sofreram para chegar onde estão. E um país que se apresenta cada vez mais como a maior potência do esporte na atualidade precisa de um espaço para que às mulheres possam conquistar o que os homens já estão conquistando profissionalmente.

Além disso, o Portal Parafina é a possibilidade da quebra do paradigma do jornalismo online especializado em surfe que existe no país, uma vez que a análise realizada nesta pesquisa demonstrou que as mulheres são um assunto secundário no noticiário. O objetivo, neste caso, é demonstrar como existe notícia, e público, envolvendo o surfe feminino. A partir dessa análise, foi possível também entender o que produzir de diferente, e o que reproduzir, para fechar lacunas e realizar um jornalismo esportivo mais justo no que diz respeito as mulheres.

A parte prática desse trabalho, por sua vez, demonstrou a importância de um jornalista desenvolver habilidades para além da redação de notícias no cotidiano. A concepção da identidade visual do site foi toda pensada para a disciplina de Jornalismo Gráfico, por um grupo de estudantes de jornalismo. Foi preciso habilidade e criatividade para pensar no nome, logo, cores, layout, editoria e outros fatores que fazem parte de um site de notícias, que estão além da apuração de notícias. Entendimentos em redes sociais foram

aprendidos para que o relatório prático fosse desenvolvido, e o papel do Instagram e do Pinterest fossem apresentados durante o projeto.

Por fim, foi essencial entender toda a estrutura de manutenção de um site de notícias, para compreender se seria possível, ou não, colocá-lo em prática após a apresentação deste projeto. E, após todo o processo, foi incrível perceber como esse site é importante e necessário, principalmente quando a possibilidade de ele existir era explicada para pessoas que, de alguma forma, estão envolvidas com esse esporte. Por isso, a partir de janeiro de 2020, ano em que o surfe faz parte das Olimpíadas pela primeira vez, o site será publicado.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros, artigos e trabalhos acadêmicos

ANDERSON, Chris. Cultura de Nicho. In: ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa**. [S.l.]: Elsevier, 2006. Cap. 11, p. 158 - 170.

ANDRÉ, Hendry; GULLIN, Nicole. A representação do surf brasileiro na mídia antes e depois da conquista do Campeonato Mundial 2014 pelo surfista Gabriel Medina. INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Rio de Janeiro: [s.n.]. 2015.

BORELLI, Viviane. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Salvador: [s.n.]. 2002.

CRUZ, Ana Carolina Costa. Mulheres nas pranchas: trajetória das primeiras competidoras do surfe carioca. ANPUH - Simpósio Nacional de História. São Paulo: [s.n.]. 2011.

DIAS, Cleber. Novas informações do campo esportivo: os esportes na natureza. In: MELO, Victor Andrade de; PRIORE, Maria Del (Org.). **A História do Esporte no Brasil: Do Império aos dias atuais**. 1ª. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009. Cap. 12, p. 359-386.

DIAS, Cleber. Novos sonhos de verão sem fim: surfe, mulheres e outros modos de representação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 32, p. 75 - 88, 2010.

DOCTOR, Ken. Anseie pelo nicho. In: DOCTOR, Ken. **Newsonomics: doze novas tendências que moldarão as notícias**. [S.l.]: Cultrix, 2011. Cap. 8, p. 189 - 208.

FORTES, Rafael. Os anos 80, a juventude e os esportes radicais. In: MELO, Victor Andrade de; PRIORE, Maria Del (Org.). **A História do Esporte no Brasil: Do Império aos dias atuais**. 1ª. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009. Cap. 14, p. 417-451.

FORTES, Rafael. Juventude em revista: surfe e Fluir. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (Org.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, v. 1, 2012. p. 171-185.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Imagens da mulher no esporte. In: MELO, Victor Andrade de; PRIORE, Maria del. **A história do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 269-292.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; CRUZ, Livia Oliveira. Mulheres ao mar: surfe e identidades femininas em transição. In: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004. p. 253 - 276.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 35-48, 2007.

ROMERO, Elaine. A hierarquia do gênero no jornalismo esportivo. Anais do III Fórum sobre mulher e esporte. São Paulo: [s.n.]. 2004.

VIEIRA, Gabriel de Moraes. A objetificação da mulher no jornalismo esportivo. 2016. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Sites

RICOSURF. **Rico Surf**, 2000. Disponível em: <<https://ricosurf.com.br/>>. Acesso em: 9 Outubro 2019.

SURFGURU. **Surf Guru**, 2019. Disponível em: <<https://surfguru.com.br/>>. Acesso em: 9 Outubro 2019.

TUDO PELO SURF. **Tudo pelo Surf**, 2016. Disponível em: <<http://tudopelosurf.com.br/>>. Acesso em: 9 Outubro 2019.